

"Uma série divertida e um mistério leve." – *THE DENVER POST*

Rhys Bowen

Autora com mais de 6 milhões de livros vendidos



O CASO DA PRINCESA DA BAVIERA

Mais um mistério da Espiã da Realeza

O CASO
DA PRINCESA
DA BAVIERA

Notas e agradecimentos



ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. EMBORA alguns membros da família real britânica apareçam como eles próprios no livro, nunca existiu uma princesa Hannelore da Baviera nem uma lady Georgiana.

Alguns apontamentos históricos: naquela época, a Europa estava no meio do caos, com comunistas e fascistas disputando o controle da Alemanha, falida e desalentada depois da Primeira Guerra Mundial. Na Inglaterra, o comunismo avançava entre as classes trabalhadoras e os intelectuais de esquerda. No outro extremo, Oswald Mosley liderava um grupo de extremistas de direita chamados Camisas Negras. Conflitos e batalhas sangrentas entre os dois lados eram frequentes em Londres.

Um agradecimento especial às Srtas. Hedley, Jensen, Reagan e Danika, de Sonoma, Califórnia, pela participação neste livro.

E obrigada, como sempre, ao meu esplêndido grupo de apoio em casa: Clare, Jane e John; e ao meu igualmente esplêndido grupo de apoio em Nova York: Meg, Kelly, Jackie e Catherine.

Um



Rannoch House
Belgrave Square, Londres
Segunda-feira, 6 de junho de 1932

O DESPERTADOR ME ACORDOU hoje no ingrato horário das oito da manhã. Um dos ditados preferidos da minha babá era “Cedo na cama, cedo no batente faz o homem saudável, próspero e inteligente”. Meu pai fazia as duas coisas e veja só no que deu. Morreu aos 49 anos, sem um tostão.

Na minha experiência, só existem dois bons motivos para acordar junto com as galinhas: ir caçar ou pegar o Flying Scotsman, o trem de Edimburgo a Londres. Eu não pretendia fazer nenhum dos dois. Não era época de caça e eu já estava em Londres.

Alcansei o alarme na mesinha de cabeceira e bati nele até silenciá-lo.

– Circular da corte, 6 de junho – anunciei para uma audiência inexistente enquanto me levantava e abria as pesadas cortinas de veludo. – Lady Georgiana Rannoch embarca em mais um agitado dia de turbilhão social. Almoço no Savoy, chá no Ritz, uma visita ao ateliê de Scapparelli para experimentar seu mais novo vestido de baile, depois jantar e dança no Dorchester. Ou nenhuma das alternativas anteriores – acrescentei.

Para ser sincera, fazia muito tempo que eu não tinha nenhum evento na agenda, e minha vida social nunca foi nenhum turbilhão. Quase 22 anos e nenhum convite em cima da lareira. Ocorreu-me o terrível pensamento de que eu deveria aceitar que tinha dobrado o cabo da Boa Esperança e estava

destinada a ser uma solteirona pelo resto da vida. Talvez minha única expectativa fosse a sugestão de Sua Majestade de me tornar dama de companhia da única filha sobrevivente da rainha Vitória, que é minha tia-avó e mora nos confins de Gloucestershire. Longos anos passeando com pequineses e segurando lâ para tricô dançaram diante dos meus olhos.

Acho melhor me apresentar antes de prosseguir: meu nome é Victoria Georgiana Charlotte Eugenie de Glen Garry e Rannoch, Georgie para os íntimos. Sou da casa de Windsor, prima em segundo grau do rei Jorge V, trigésima quarta na linha de sucessão ao trono e, neste momento, completamente falida.

Ah, espere! Tinha outra opção: me casar com o príncipe Siegfried da Romênia, da linhagem Hohenzollern-Sigmaringen – que apelidei em segredo de Cara de Peixe. Esse assunto não tinha surgido nos últimos tempos, graças a Deus. Talvez outras pessoas também tivessem descoberto que ele tem predileção por homens.

Era evidente que seria um daqueles dias de verão inglês que inspiram passeios embaixo de árvores, piqueniques na campina com morangos e creme, croqué e chá no gramado. Até no centro de Londres os pássaros cantavam como loucos. O sol brilhava nas janelas do outro lado da praça. Uma leve brisa agitava as cortinas de voile. O carteiro assobiava enquanto contornava a praça. E quais eram os meus planos?

– Ah, meu Deus! – exclamei quando de repente me lembrei do motivo de o despertador ter tocado, e comecei a me mexer.

Eu era aguardada em uma residência na Park Lane. Fiz minha higiene matinal, me vesti com alinho e descí para preparar chá e torradas. É visível a aptidão que desenvolvi para as tarefas domésticas em apenas dois meses. Quando fugi do nosso castelo na Escócia, em abril, eu não sabia nem ferver água. Agora consigo fazer feijão enlatado e ovos cozidos. Pela primeira vez na vida eu estava vivendo sem criados, pois não tinha como arcar com a despesa. Meu irmão, o duque de Glen Garry e Rannoch, conhecido como Binky, tinha prometido me enviar uma criada da nossa propriedade na Escócia, mas até agora nenhuma havia se materializado. Acho que nenhuma mãe escocesa presbiteriana e temente a Deus deixaria a filha solta no covil de iniquidade que Londres parece ser. Quanto a me dar dinheiro para eu contratar uma criada daqui... bem, Binky está tão falido quanto eu. Caso

você não saiba, quando nosso pai se matou com um tiro depois da quebra da bolsa em 1929, Binky herdou a propriedade e ficou sobrecarregado com os mais horrendos impostos sobre a herança.

Então, até agora estou me mantendo sem criados e, sinceramente, estou muito orgulhosa de mim mesma. A chaleira ferveu. Fiz meu chá, espalhei geleia de laranja da Cooper's na torrada (sim, eu sei que deveria estar economizando, mas há limites para o que se pode suportar) e limpei depressa as migalhas enquanto vestia o casaco. Ia fazer muito calor para usar qualquer tipo de agasalho, mas eu não podia correr o risco de que alguém visse o que eu estava vestindo enquanto caminhava por Belgravia – o território da nata da alta sociedade de Londres logo ao sul do Hyde Park, onde ficava a nossa casa.

Um motorista que esperava ao lado de um Rolls Royce prontamente me saudou quando passei. Eu me embrulhei melhor no casaco. Atravessei a Belgrave Square, subi a Grosvenor Crescent e parei para olhar por um bom tempo a extensão frondosa do Hyde Park antes de enfrentar o tráfego na Hyde Park Corner. Ouvei o barulho de cascos e um casal de cavaleiros surgiu da Rotten Row. A garota cavalgava um esplêndido cavalo cinza e estava vestida com elegância, usando um chapéu-coco preto e uma jaqueta de couro bem cortada. As botas brilhavam de tão engraxadas. Olhei para ela com inveja. Se eu tivesse ficado em casa na Escócia, poderia estar fazendo a mesma coisa que ela. Meu irmão e eu costumávamos cavalgar todo dia de manhã. Será que minha cunhada, Fig, estaria montando e estragando a boca do meu cavalo? Ela puxava as rédeas com força demais e pesava muito mais do que eu. Notei outras pessoas paradas na esquina. Não eram homens muito bem vestidos. Carregavam cartazes e placas-sanduíche que diziam: *Preciso de emprego. Trabalho por comida. Faço trabalho pesado.*

Eu tinha crescido protegida das duras realidades do mundo. Agora, me deparava com elas todos os dias. Estávamos passando por uma depressão, e as pessoas faziam fila para receber pão e sopa. Um dos homens parados embaixo do Arco de Wellington tinha uma aparência distinta, com sapatos bem engraxados, casaco e gravata. Até usava medalhas. *Ferido no Somme. Aceito qualquer emprego.* Dava para ver no rosto dele o desespero e a aversão por ter que fazer aquilo, e eu desejei ter dinheiro para con-

tratá-lo na mesma hora. Mas, no fundo, eu estava no mesmo barco que a maioria deles.

Um policial apitou, o tráfego parou e eu atravessei a rua até a Park Avenue. O número 59 era bem modesto para os padrões da Park Lane – uma típica e elegante casa georgiana de tijolos vermelhos com detalhes brancos, degraus que levavam à porta da frente e grades ao redor do fosso que abrigava os aposentos dos serviçais, sob as escadas. Não era muito diferente da Rannoch House, embora nossa casa em Londres fosse bem maior e mais imponente. Em vez de subir até a entrada, desci com cuidado os degraus escuros até a área dos criados e peguei a chave debaixo de um vaso de flores. Entrei em um corredor apavorante e escuro, onde pairava um cheiro de repolho.

Pronto, agora você sabe o meu terrível segredo. Tenho ganhado dinheiro limpando casas. Meu anúncio no *Times* me apresenta como Limpeza Real, uma empresa que conta com a recomendação de lady Georgiana de Glen Garry e Rannoch. Não faço uma limpeza realmente pesada. Nada de esfregar pisos ou, Deus me livre, vasos sanitários. Eu não saberia nem por onde começar. Minha função é abrir as casas de Londres para aqueles que estão em suas propriedades no campo e não querem ter a despesa e o incômodo de enviar os serviçais na frente com a incumbência de sacudir os lençóis que cobrem os móveis, fazer as camas, varrer e tirar o pó. Isso é o que eu consigo fazer sem quebrar nada com muita frequência – outra coisa que você precisa saber sobre mim é que tenho uma tendência a ser estabanaada de vez em quando.

É um trabalho muitas vezes repleto de perigos. As casas que atendo pertencem a pessoas do meu meio social. Eu morreria de vergonha se topasse com uma colega debutante ou, pior ainda, com um parceiro de dança enquanto estivesse de joelhos e com uma touca branca na cabeça. Até agora, só a minha melhor amiga, Belinda Warburton-Stoke, e um patife não confiável chamado Darcy O'Mara sabem o meu segredo. E, quanto menos falarmos desse sujeito, melhor.

Até começar esse trabalho, eu nunca tinha pensado muito em como as pessoas comuns vivem. Minhas recordações de descer a escada até os serviçais se limitavam a grandes cozinhas aquecidas com cheirinho de comida saindo do forno e de me deixarem ajudar a esticar a massa e lambar a colher. Encon-

trei o armário de limpeza e peguei um balde e panos, um espanador e uma vassoura. Graças a Deus, era verão e não haveria necessidade de acender as lareiras dos quartos. Carregar carvão por três lances de escada não era minha tarefa preferida, nem me aventurar no depósito de carvão para encher os baldes como meu avô tinha me ensinado. Meu avô? Ah, desculpe. Acho que ainda não falei dele. Meu pai era primo do rei Jorge e neto da rainha Vitória, mas minha mãe era uma atriz de Essex. O pai dela ainda mora lá, em uma casinha com anões de jardim. É um policial aposentado e um verdadeiro nativo do leste de Londres. Eu o adoro. É a única pessoa a quem posso contar tudo.

No último segundo, eu me lembrei de pegar a touca de criada no bolso do casaco e cobrir o meu cabelo rebelde. As criadas nunca são vistas sem touca. Empurrei a porta revestida de feltro que levava à parte principal da casa e me deparei com várias bagagens empilhadas, que desabaram na mesma hora, com um estrondo. Quem achou que seria uma boa ideia apoiar bagagens na porta dos aposentos dos serviçais? Antes que eu conseguisse recolher as malas, ouvi um grito, e uma velha senhora vestida de preto da cabeça aos pés surgiu pela porta mais próxima, acenando com um bastão para mim. Ela ainda usava um chapéu antiquado amarrado sob o queixo e uma capa de viagem. Tive um pensamento terrível de que talvez eu tivesse me confundido ou anotado o número incorreto e estivesse na casa errada.

– O que está acontecendo? – perguntou ela em francês. Olhou para a minha roupa. – *Vous êtes la bonne?*

Perguntar “Você é a criada?” em francês era um jeito bem estranho de cumprimentar uma serviçal em Londres, onde a maioria delas mal sabe falar inglês direito. Felizmente, eu havia sido educada na Suíça e meu francês é muito bom. Respondi que eu era, sim, a criada, enviada pela empresa de serviços domésticos para abrir a casa, e que tinham me informado que os ocupantes só chegariam no dia seguinte.

– Chegamos mais cedo – disse ela, ainda em francês. – Jean-Claude nos levou de Biarritz a Paris de automóvel e pegamos o trem noturno.

– Jean-Claude é o motorista? – perguntei.

– Jean-Claude é o marquês de Chambourie – disse ela. – Ele também é piloto de corridas. Fizemos a viagem até Paris em seis horas. – Então ela percebeu que estava conversando com uma criada. – Como é que você fala um francês tão razoável para uma britânica? – perguntou.

Fiquei tentada a dizer que o meu francês era muito bom, obrigada, mas em vez disso balbuciei alguma coisa sobre viajar com a família para Côte D'Azur.

– Confraternizando com marinheiros franceses, era de se esperar – murmurou ela.

– E a senhora é a governanta da madame? – perguntei.

– Eu, minha cara, sou a viúva condessa Sophia de Liechtenstein – disse ela.

E, caso você esteja se perguntando por que uma condessa de um país de língua alemã estava falando comigo em francês, devo salientar que as damas bem-nascidas da geração dela costumavam falar francês, qualquer que fosse sua língua materna.

– Minha criada está tentando preparar um quarto para mim – continuou ela, com um aceno de mão para o alto da escada. – Minha governanta e o resto da equipe vão chegar amanhã de trem, conforme planejado. Jean-Claude dirige um automóvel de apenas dois lugares. Minha criada teve que se empoleirar em cima da bagagem. Acredito que tenha sido muito desagradável para ela. – A condessa parou e me olhou aborrecida. – E é muito desagradável para mim não ter onde me sentar aqui.

Eu não sabia muito bem qual era o protocolo da corte de Liechtenstein e como deveria me dirigir a uma viúva condessa daquela terra, mas aprendi que, em caso de dúvida, era melhor exagerar.

– Sinto muito, Vossa Graça, mas me disseram para vir hoje. Se eu soubesse que a senhora tinha um parente que era piloto de corrida, teria preparado a casa ontem. – Tentei esconder a ironia ao dizer isso.

Ela franziu a testa para mim, tentando verificar se eu estava sendo atrevida ou não, imagino.

– Humpf. – Isso foi tudo o que ela conseguiu emitir.

– Vou tirar os lençóis de uma poltrona confortável para Vossa Graça – falei, entrando em uma grande sala de estar escura. Puxei o lençol de uma poltrona, levantando uma nuvem de poeira. – Depois, vou preparar seu quarto antes dos outros. Tenho certeza que a viagem foi cansativa e que a senhora quer descansar.

– O que eu quero é um belo banho quente – disse ela.

Ah, pode ser que isso seja um probleminha, pensei. Eu tinha visto meu avô acendendo a caldeira na Rannoch House, mas ainda não tinha feito esse

serviço com minhas próprias mãos. Talvez a criada da condessa fosse mais familiarizada com essas coisas.

Alguém teria que ser. Fiquei pensando como dizer “Caldeiras não estão incluídas no meu contrato” em francês.

– Vou ver o que pode ser feito – falei, fazendo uma reverência antes de sair da sala.

Peguei meu material de limpeza e subi a escada.

A criada parecia tão velha e mal-humorada quanto a condessa, o que era compreensível, já que passara toda a viagem de Biarritz até ali empoleirada em cima da bagagem. Ela havia escolhido o melhor quarto, na frente da casa, com vista para o Hyde Park, e já tinha aberto as janelas e retirado os lençóis de cima dos móveis. Tentei falar com ela em francês, depois em inglês, mas parecia que ela só falava alemão. Meu alemão se limitava a “Eu gostaria de uma taça de vinho quente” e “Onde fica o teleférico?”, então gesticulei para avisar que ia fazer a cama. Ela pareceu em dúvida. Encontramos lençóis e fizemos o trabalho juntas. Foi uma sorte, pois ela era muito meticulosa para dobrar os cantos de um jeito específico. Ela também arrebanhou quase uma dúzia de cobertores e edredons de outros quartos no mesmo andar, pois, pelo jeito, a condessa sentia muito frio na Inglaterra. Foi o que deu para entender.

Depois de pronta, a cama parecia digna de uma rainha.

Após limpar o pó e varrer o chão sob o olhar crítico da criada, levei-a ao banheiro e abri as torneiras.

– *Heiss Bad für...* condessa – falei, esticando meu alemão até o limite.

Por milagre, ouvimos um barulho alto e a água quente começou a sair de um daqueles pequenos dispositivos de gêiser sobre a banheira. Eu me senti uma maga e desci a escada triunfante para dizer à condessa que o quarto estava pronto e que ela poderia tomar banho quando desejasse.

Ao chegar no último lance de degraus, ouvi vozes na sala de estar. Eu não tinha percebido que havia mais uma pessoa na casa. Hesitei na escada. Nesse momento, ouvi uma voz de homem falando em um inglês com sotaque carregado:

– Não se aflija, tia. Vou ajudá-la. Eu carrego sua bagagem até o quarto se a senhora achar que é demais para sua criada. Se bem que eu não entendo por que a senhora traz uma criada que não consegue fazer nem

as tarefas mais simples. A culpa por tornar a própria vida desconfortável é toda sua.

E um jovem surgiu, vindo da sala. Era magro e pálido, com um porte ultraempertigado. O cabelo era loiro quase branco, todo penteado para trás, o que lhe dava uma aparência fantasmagórica de caveira – Hamlet encarnado. O rosto tinha uma expressão extremamente arrogante, como se ele estivesse sentindo um cheiro desagradável, e os grandes lábios caídos se franziam quando ele falava. Eu o reconheci no mesmo instante, é claro. Era ninguém menos que o príncipe Siegfried, mais conhecido como Cara de Peixe, o homem com quem todos esperavam que eu me casasse.

CONHEÇA OS LIVROS DE RHYS BOWEN

A ESPIÃ DA REALEZA

A espiã da realeza

O caso da princesa da Baviera

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

